

SOBRE FOGOS CONTROLADOS

O fogo foi desde a pré-história, considerado pelo Homem, como uma ferramenta expedita que lhe permitia, facilmente, atingir os seus objectivos imediatos.

Mas qual aprendiz de feiticeiro, tornou-se agora num problema que se tem dificuldade em ultrapassar, principalmente em ecossistemas como o nosso, onde fortuitos ou não, dão origem a verdadeiras calamidades.

O Dr. Edwin Komarek, investigador da Tall Timbers Research Station, em Tallahassee, Florida, dizia que os nossos antepassados só deveriam ser considerados como Homo sapiens, quando aprenderam a utilizar o fogo, só para seu benefício na criação de habitat mais favoráveis às suas necessidades, alargando os seus espaços de caça e pastoreio ou para acultura agrícola.

Ao longo de muitos séculos os ecossistemas vegetais, no seu conjunto, foram artificializados pela persistente intervenção humana, por acção ou omissão, tornando-os extremamente vulneráveis aos incêndios destruidores.

De facto o fogo foi, historicamente, sempre utilizado contra a floresta.

Há um provérbio finlandês que diz, com ironia, que embora o fogo seja um mau patrão, o tal das calamidades, pode ser um prestimoso criado, se tivermos especiais cautelas no seu manuseamento.

Estas cautelas começam por um profissionalismo que dê aos executantes um conhecimento correcto dos objectivos que se pretendem alcançar, da oportunidade temporal da utilização do fogo, da melhor técnica a ensaiar, da estratégia a seguir, da quantificação dos prejuízos previsíveis, área a percorrer, etc.,etc., etc.. .

Segundo o meu ponto de vista, estes profissionais deverão ser recrutados no local da sua residência, ter uma formação florestal de base e uma especialização de utilização do fogo de prevenção e na acção de combate de incêndios florestais, pois já não há dúvidas que este tem de ser inteiramente profissionalizado o que só se consegue, se os operários tiverem assegurada uma ocupação florestal permanente.

É àquele fogo de prevenção que chamamos fogo controlado.

Depois de se ter dado um passo, um pouco tímido, na criação dos chamados corpos de sapadores florestais, a FORESTIS, atenta ao grave problema dos incêndios florestais e ao papel importante da utilização de fogos controlados no sub-bosque dos pinhais na região de Entre-Douro e Minho, que tanto sucesso tiveram na década de sessenta do passado século resolveu levar a cabo, em colaboração com a UTAD um curso de formação para técnicos florestais, sob a supervisão da Direcção-Geral das Florestas, para a certificação de profissionais especializados na execução de fogos controlados e na realização de cursos de formação de trabalhadores florestais.

Estando esta actividade dentro das funções previstas para os corpos de sapadores florestais ninguém tem dúvidas que o combate dos incêndios nos espaços florestais tem de ser inteiramente profissionalizado que só se consegue se os combatentes tiverem assegurada uma ocupação anual permanente e que a realização de fogos controlados ajudará.

O Associativismo presta assim mais um prestimoso serviço à floresta portuguesa, continuando a remar contra uma maré que sistematicamente se recusa-se a considera-lo como um parceiro social e económico de méritos comprovados, mas com opiniões incómodas para os poderes públicos e interesses instalados.

Porto, Dezembro de 2002

J. Moreira da Silva